



Francisco De Ambrosis Pinheiro Machado¹

Sonho e *philia*: conquistas e promessas do maio de 1968

Resumo: Este ensaio apresenta algumas reflexões sobre quais teriam sido para Adorno, Marcuse e Olgária Matos as conquistas e as promessas do maio de 1968, mais especificamente em relação ao movimento estudantil na Alemanha e na França.

Palavras-chave: Theodor Adorno; Herbert Marcuse; Olgária Matos; maio de 1968; *philia*; teoria; práxis.

Abstract: This essay presents some reflections on what have been for Adorno, Marcuse and Olgária Matos the achievements and promises of May 1968, more specifically concerning the student movements in Germany and France.

Keywords: Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Olgária Matos, May 1968, *philia*, theory, práxis.

¹ Professor Associado do Departamento de Filosofia – UNIFESP. E-mail: fapmachado@unifesp.br .

À Olgária Matos.

O sonho acabou
Quem não dormiu no sleeping-bag nem sequer sonhou
Gilberto Gil

Minha proposta aqui é apresentar algumas reflexões sobre o que teriam sido para Adorno, Marcuse e Olgária Matos as conquistas e as promessas do maio de 1968, mais especificamente do movimento estudantil na Alemanha e na França.

Sabemos a influência que os estudos e obras realizados no âmbito do Instituto de Pesquisa Social, sediado em Frankfurt, tiveram nos debates e movimentos dos estudantes. Dentre os pensadores mais conhecidos ligados à Teoria Crítica, na década de 1960, Marcuse foi certamente o que melhor compreendeu e foi compreendido pelo movimento estudantil, foi ele também um dos primeiros que procurou refletir e dialogar diretamente com os estudantes e por mais tempo. Já em 1965 dedica seu ensaio “Tolerância repressiva” aos estudantes de Berkeley. Certamente houve diferenças de posicionamento e avaliação de conjuntura, e mesmo incompreensões entre Marcuse e os estudantes. Por exemplo, Rudi Dutschke, um dos principais líderes do movimento estudantil alemão, que, em congresso em junho de 1967, havia criticado a visão marxista clássica de Habermas, defendendo um “voluntarismo ativista” a partir da ideia marcuseana de superação do princípio de realidade repressor, decepciona-se com Marcuse um mês depois, pelo fato deste não ter dado diretrizes para uma utopia positiva e ter afirmado que estudantes não são sujeitos de uma revolução histórica, não são minoria oprimida, nem força revolucionária imediata².

No entanto, Marcuse relevava estas diferenças mais facilmente que seus colegas de Instituto e atribuía com mais tranquilidade à diferença de idade a própria situação social da juventude e maior impulsividade dos jovens (Não podemos nos esquecer de que, em 1968, Marcuse contava com 70 anos, Adorno, com 65 anos, e Horkheimer, 73. Habermas era o mais jovem, com 39). Isso fica mais claro no desdobramento de um episódio ocorrido em 31 de janeiro de 1969, quando o próprio Instituto de Pesquisa Social em Frankfurt foi ocupado por um grupo de 76 estudantes, tipo de “ação direta” que estava sendo praticada nas universidades desde há alguns

² Sobre essa posição específica de Marcuse no encontro com os estudantes na Universidade Livre de Berlim, em julho de 1967, ver: MARCUSE, Herbert. *O fim da utopia*. (Trad. Carlos Nelson Coutinho). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969, p. 63.

anos, e que Habermas já havia criticado, sobretudo pelo fato dos estudantes acharem que estariam assim tomando o poder³. Adorno, o responsável pelo Instituto naquele momento, pediu sem sucesso para os estudantes se retirarem e acabou chamando a polícia. Esta prendeu todos, soltando-os no mesmo dia, exceto Hans Jürgen Krahl (assistente de Adorno) que precisou responder a um longo processo. Dois meses depois, Marcuse, que havia sido convidado a ir para Frankfurt, escreve a Adorno criticando sua atitude e condicionando sua ida a uma retomada da conversa com os estudantes⁴. Segue-se então uma troca de correspondências, de abril a julho, interrompida pela morte de Adorno em 6 de agosto 1969, nas quais a posição dos dois ganha contornos mais claros.

Podemos resumir os argumentos de Marcuse nas cartas nos seguintes pontos: a) a violência da ocupação na universidade de salas e interrupção dos seminários, sem ameaça física às pessoas e sem danos ao patrimônio da universidade, por estudantes de esquerda, são ações políticas legítimas e não razão suficiente para se chamar a polícia, mesmo porque, a causa dos estudantes (anti-capitalismo, emancipação da sociedade totalmente administrada) é, no fim, a mesma que a do Instituto; b) Marcuse reitera que condena, tanto quanto Adorno, a “conversão imediata da teoria em prática”, mas que há situações em que a teoria é impulsionada pela prática e não deve se afastar desta, este é o caso atual; c) reitera ainda que considera ser uma situação não revolucionária, nem mesmo pré-revolucionária, contrariando nisso a posição de muitos estudantes. No entanto, para Marcuse:

essa situação é tão horrível, tão sufocante ou degradante que a rebelião contra ela obriga a uma reação biológica, fisiológica: não podemos mais suportar, sufocamos e precisamos de ar. E este ar fresco não é aquele de um ‘fascismo de esquerda’ (*contradictio in adjecto!*)⁵, é o ar que nós (pelo menos eu) gostaríamos uma vez também de respirar, e que não é certamente o ar do *establishment*. Eu discuto com os estudantes, ataco-os quando a meu ver são estúpidos e se deixam manipular, mas é provável que eu não pedisse ajuda às piores, às mais horríveis armas contra seus erros. E desesperaria de mim (de nós) se eu (nós) aparecesse do lado de um mundo que apóia ou se cala sobre o genocídio no Vietnã, e que transforma em inferno todos os domínios, exceto o domínio do seu próprio poder opressor⁶.

Marcuse mostra assim apoio ao movimento estudantil e compreensão com suas limitações. São porém limitações objetivas decorrentes de uma situação

³ Ver: WIGGERHAUS, Rolf. *Die Frankfurter Schule*. 2. ed. Munique: DTV, 1989, pp. 697-698.

⁴ Ver carta de Marcuse a Adorno de 05/04/1969, em: MARCUSE, Herbert. *A grande recusa hoje*. (Trad. Isabel Loureiro e Robespierre de Oliveira). Petrópolis: Vozes, 1999, p. 87 e seguintes.

⁵ Termo usado por Habermas em debate com os estudantes.

⁶ MARCUSE, Herbert. *A grande recusa*. Op.cit., p. 88.

sufocante que precisa ser rompida por uma necessidade biológica, ou seja, instintiva. Tal necessidade, além disso, é muito mais premente para os jovens, pois o sufoco é justamente a impossibilidade de desenvolverem livremente suas faculdades humanas. Assim, é muito mais compreensível que sejam eles a partirem para a ação e de uma forma não tradicional (oposição extraparlamentar, desobediência civil, ação direta) que, mesmo não sendo revolucionária, às vezes até irrefletida e irracional, tem para Marcuse não só eficácia (sobretudo na França, nos EUA e na América Latina), como “hoje é o mais forte e talvez o único catalisador para a decadência interna do sistema de dominação”⁷, além do que, estão do lado certo: anticapitalista, contra imperialismo norte-americano, antiautoritários (sem se vincular ao stalinismo russo e preocupados em impedir que revolução se torne ditadura), contra a discriminação racial e de gênero, solidários com as lutas de libertação no Terceiro Mundo. Nesse sentido, Marcuse lembra, compreensivamente, a influência dele, Adorno e dos trabalhos do Instituto sobre os estudantes e que isso compensa, quando estes se voltam contra seus professores⁸. O movimento estudantil busca desesperadamente uma teoria, uma prática e organização não ortodoxas que correspondam ao contexto do capitalismo avançado para contradizê-lo, inclusive para não cair nas ações condenáveis e em erros. Ajudar a formular essa teoria e essa prática, num contexto diferente da década de 1930, onde a prática de fato estava vedada em função do fascismo e perseguição dos judeus, seria então uma tarefa para o Instituto hoje (1969) que não deveria se abster de tomar uma posição política clara contra o imperialismo americano, pela luta de libertação do Vietnã e outras⁹.

Adorno não compartilha dessa compreensão. Sua divergência para com Marcuse, que remonta a conversas anteriores, em relação ao movimento estudantil, porém, é menos acerca de princípios gerais da teoria crítica, que ambos reafirmam em suas argumentações, mas de diagnóstico da situação, a possibilidade da práxis e do respectivo posicionamento político diante nesta situação.

Neste sentido, Adorno concorda com Marcuse no que seria uma razão suficiente para se chamar a polícia no caso de uma ocupação de um espaço acadêmico, mas justamente segundo sua percepção, a ocupação do Instituto em Frankfurt pelos estudantes atingiu um ponto extremo, e se Marcuse estivesse lá, certamente faria o mesmo. Segundo Adorno, a estratégia da ocupação era calculadamente forçar a chamada da polícia para ganhar publicidade e conquistar a solidariedade de outros estudantes para reverter o fraco interesse pelo movimento de

⁷ Idem, *ibidem*, p. 98.

⁸ Idem, *ibidem*, p. 88.

⁹ Idem, *ibidem*, p. 99.

protesto. Portanto, era só uma tática de manutenção do movimento, do próprio meio¹⁰. Adorno reitera que concorda que há situações nas quais a prática impulsiona a teoria, mas na situação objetiva atual (sociedade totalmente administrada e ausência de uma força social concreta revolucionária) a prática estaria vedada, por isso não poderia impulsionar a teoria. Além disso, a ação dos estudantes, sobretudo na Alemanha, neste momento nada tem a ver com teoria, constitui-se antes como “praticismo monótono e brutal”¹¹, que se aproxima “daquela violência sem conceito que uma vez pertenceu ao fascismo” e desemboca naquilo que pretendem estar combatendo “a tecnocratização da universidade”¹², pois não percebem que “dialética quer dizer, entre outras coisas, que os fins não são indiferentes aos meios”¹³. Como exemplo, além da própria ocupação, Adorno cita: a técnica de convocar reuniões para discussão e tornar qualquer discussão impossível, usar a palavra ‘catedrático’ para depreciar sem distinções a qualquer um, como outrora se usou a palavra ‘judeu’¹⁴. Para ele, alegar que é justificável tentar romper com uma situação sufocante mesmo admitindo ser esse rompimento objetivamente impossível é um argumento forte, mas falso, por isso reclama falta de frieza em Marcuse, que o impediria de um olhar distanciado em relação ao movimento estudantil e à Guerra do Vietnã e o leva a participar de um protesto ideologicamente carregado contra o Instituto e os americanos, não vendo o outro lado, por exemplo, a violência das torturas em estilo chinês praticada pelos vietcongues¹⁵. Em sua última carta, escrita em 19/06/1969, portanto um mês e meio antes de seu falecimento, Adorno diz a Marcuse:

Você deveria olhar só uma vez nos olhos maniacamente apáticos daqueles que, porventura referindo-se a nós mesmos, voltam sua fúria contra nós. Posso dificilmente imaginar que você tenha pensado nesse tipo de dessublimação, embora já para mim, o sucedâneo da Nona Sinfonia por meio do *jazz* ou do *beat*, a escória da indústria cultural, não seja precisamente aceitável.¹⁶

Adorno parece neste trecho exigir de Marcuse, reconhecer que as ações irrefletidas do movimento estudantil, essa reação desesperada ao sufoco que nos acomete, deveria ser entendida segundo o conceito marcuseano de “dessublimação repressiva”, como regressão. Portanto, não está muito disposto a admitir que uma ação espontânea e instintiva, nas condições sociais e políticas de então, teriam

¹⁰ Carta de Adorno a Marcuse, in: MARCUSE, Herbert. *A grande recusa*. Op. cit., p. 95.

¹¹ Idem, *ibidem*, p. 90.

¹² Idem, *ibidem*, p. 91.

¹³ Idem, *ibidem*, p. 96.

¹⁴ Idem, *ibidem*, p. 91.

¹⁵ Idem, *ibidem*, p. 91.

¹⁶ Idem, *ibidem*, p. 97.

alguma chance de efetivar ou se aproximar do que buscam. Num mundo falso, qualquer prática imediata e positiva não pode ser verdadeira, está fadada ao fracasso no sentido de reafirmar este mundo, mesmo achando que o estariam transformando. Mais do que isso, em muitos casos, como se subentende na expressão “os olhos maniacamente apáticos”, parecem se aproximar daquela regressão autoritária da personalidade mal formada, submetida à mimese perversa, característica do nazista anti-semita, descrita no livro *Dialética do Esclarecimento*.

A divergência entre Marcuse e Adorno, assim, gira em torno de dois pontos básicos bastante imbricados: diferença quanto à posição política a ser tomada diante dos acontecimentos no mundo marcado pela Guerra Fria e lutas de independência nas colônias e a justificativa ou não das ações do movimento estudantil em função da posição política que a sustenta.

Para Adorno, não é possível tomar uma posição política definitiva por um lado ou pelo outro em relação ao conflito no Vietnã, muito menos tomar partido sem mais contra o imperialismo americano. Esse distanciamento, implica um distanciamento também em relação ao movimento estudantil, que adota uma tal posição política. É possível apoiar esta ou aquela pauta, esta ou aquela ação específica dos estudantes, como Adorno já fez, inclusive defendendo os estudantes, mas não há como apoiá-los incondicionalmente, sobretudo quando suas ações são violentas e beiram o irracionalismo e fanatismo e vão cegamente contra uma universidade como a de Frankfurt e o Instituto, onde ainda há espaço para um pensamento de esquerda. Em função deste posicionamento, inclusive como diretor do Instituto que sempre se sustentou com apoio de instituições americanas, sobretudo no exílio dos anos 1930 e dependente de financiamento externo, a indisposição de Adorno em ver algo de transformador como um todo nestes movimentos é grande, sua tendência é antes caracterizá-los senão como reacionários, ao menos como regressivos. Isso vale não só para o movimento estudantil na Alemanha, como na França também.

Em uma entrevista à revista *Spiegel*, publicada exatamente nesse período da troca de cartas, Adorno é interrogado se considera tão incompreensível que os estudantes atirem pedras, ao que Adorno responde:

Incompreensível certamente não é. Creio que o ativismo (*Aktionismus*) tem por causa o desespero, pois as pessoas sentem quão pouco poder elas têm de fato para transformar a sociedade. Mas também estou convicto que as ações individuais (*Einzelaktionen*) estão condenadas ao fracasso. Isso se mostrou também na Revolta de Maio, na França¹⁷.

¹⁷ ADORNO, Theodor. “Keine Angst vor dem Elfenbeinturm. Ein ‘Spiegel’-Gespräch” (1969). In: _____. *Gesammelte Schriften*, 20.1. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1997, p. 405.

Nesta mesma entrevista Adorno reconhece, porém, na esteira de Habermas, que os estudantes foram capazes de mudar algo, por exemplo, impulsionaram a reforma universitária, evidenciaram o processo de embrutecimento na atual sociedade, garantiram que as investigações sobre o assassinato de Otto Ohnesorge atingissem a consciência pública. Ele também admite não estar fechado às consequências práticas, quando estas estão claras, por exemplo: ele mesmo participou nos protestos contra a lei de exceção. Para ele, cada decisão deste tipo depende da situação concreta, além do princípio geral de ser contra a violência, só assim é possível uma práxis transformadora ter sentido. Considera assim legítima a greve de *sit-in* que impediu a distribuição dos jornais da editora *Springer*, mas acha repugnante – talvez por considerar típica de uma dessublimação repressiva – a interrupção de sua preleção por três jovens seminuas, vestidas como *hippies*, cujo efeito de leveza ou alívio seria uma risadinha *Hi-Hi* típica do pequeno-burgês ao ver os peitos nus de uma moça. Para ele, em um argumento semelhante contra a ocupação do Instituto, essa ação visou apenas dar publicidade à extrema esquerda que temia ser esquecida, aproveitando-se do fato de que suas aulas tinham em média 1000 estudantes¹⁸. Por fim, o outro lado da crítica de Adorno ao ativismo imediatista, é sua defesa do papel transformador da filosofia na medida em que esta permanece na esfera que lhe é própria, a teoria:

A filosofia não pode a partir de si mesma recomendar qualquer ação imediata. Ela transforma na medida em que se mantém teoria. Penso que devemos levantar a questão, se não se trata também de uma forma de opor-se, quando uma pessoa pensa as coisas e escreve, como eu as escrevo? Não é a teoria também uma forma (*Gestalt*) genuína da práxis?¹⁹

Marcuse, por sua vez, vivia nos EUA e trabalhava em uma universidade americana, impedido naquele ano pelo então governador da Califórnia, Ronald Reagan, de dar aulas. Sentia muito mais de perto o sufoco dos estudantes diante das consequências da política imperialista americana, da guerra do Vietnã, seus movimentos de oposição, bem como sua solidariedade com a luta contra o racismo e pela emancipação da mulher. Para ele, portanto, uma tomada de posição política a favor destes movimentos não só era possível, como necessária. Daí estar muito mais disposto a relevar os excessos de algumas ações dos estudantes também na Alemanha, quando estes não feriam a integridade física de ninguém ou destruíam os equipamentos da universidade. Podia, assim, ver na ação espontânea e mesmo irrefletida dos jovens estudantes uma manifestação instintiva saudável de um corpo

¹⁸ Idem, ibidem, p. 406.

¹⁹ Idem, ibidem, p. 408.

que grita em busca de liberdade e enfrenta obstáculos que o reprimem sem saber direito como. Por isso, mesmo considerando que os movimentos estudantis não eram revolucionários, não acreditava que tivessem simplesmente fracassado, muito menos o maio de 1968. Este, sobretudo, trouxe conquistas para a compreensão do que seria socialismo naquele final de século.

Em uma entrevista ao Segundo Canal da Televisão Alemã (ZDF), gravada em 1979, mas transmitida em Janeiro de 1980, quando já havia falecido, Marcuse define socialismo como uma sociedade sem submissão ao trabalho alienado e com administração democrática dos meios de produção pelas pessoas que se beneficiam dele. Neste contexto, afirma sua aposta de que um dia o aumento de produção, do trabalho alienado e do desperdício de riqueza (característicos do sistema de dominação das sociedades unidimensionais) se tornarão intoleráveis e crê que já há indícios dessa sensibilidade nas diversas comunas que estavam surgindo, nos movimentos ecológicos e que significam uma ascensão de energias eróticas, já que a “criação de um meio ambiente pacífico, calmo e belo é justamente trabalho de Eros”²⁰. Trata-se de uma concepção não ortodoxa de socialismo integral, que justamente foi trazido à consciência e reatualizado pelo movimento estudantil de maio de 1968:

Estava em Paris na época em que a revolta estudantil explodiu. Depois aqui na América, onde, na medida do possível, atuava ativamente na oposição contra a guerra do Vietnã. O que se tornou totalmente consciente para mim foi que aqui acontecia alguma coisa que significava o começo de uma nova fase do desenvolvimento do capitalismo. Portanto, não acredito de modo algum, como geralmente se admite hoje, que o movimento tenha fracassado. O movimento deixou suas marcas, o capitalismo não é mais o que era. A repressão é maior, mas a contradição e a recusa também são maiores. Toda a ética puritana dos valores, de cujo funcionamento o capitalismo depende, a ética puritana do trabalho parecem ter desaparecido, não são mais sentidas como necessidade indispensável nem, de modo algum, como valor. (...) Uma das grandes aquisições do movimento de 68 – foi que ele tornou novamente atual a imagem do socialismo integral, não falsificado, sobretudo pela ênfase constante na ideia de que a sociedade socialista é uma sociedade qualitativamente diferente, com um estilo de vida qualitativamente diferente²¹.

O movimento estudantil em torno de maio de 1968 trouxe à consciência pública, pela prática, em que termos uma revolução no contexto do capitalismo avançado, da sociedade unidimensional, deve ser pensada, como superação do trabalho alienado e constituição de uma sociedade onde os indivíduos livres possam desenvolver suas faculdades em novas relações entre si e com a natureza. Uma

²⁰ MARCUSE, Herbert. *A grande recusa hoje*, op. cit., p. 17.

²¹ Idem, *ibidem*, pp. 18-19.

revolução que vai muito além de uma reviravolta econômica clássica ou tomada estratégica de poder, envolvendo dimensões muito mais profundas do ser humano. Como ele define em 1972, no livro *Contra-revolução e revolta*:

A revolução envolve uma transformação radical das próprias necessidades e aspirações, tanto culturais como materiais; da consciência e da sensibilidade; do processo do trabalho e do lazer. Essa transformação aparece na luta contra a fragmentação do trabalho, a necessidade e a produtividade de desempenhos estúpidos e estúpidas mercadorias, contra o indivíduo burguês aquisitivo, contra a servidão sob disfarce da tecnologia, a privação sob o disfarce da vida boa, contra a punição como um modo de vida. As necessidades morais e estéticas convertem-se em necessidades básicas, vitais, e impulsionam novas relações entre o sexes, entre as gerações, entre os homens e mulheres e natureza. A liberdade é entendida com raízes na satisfação dessas necessidades, que são simultaneamente sensoriais, éticas e racionais.²²

No mesmo livro, abordando o tema da relação entre arte e revolução, Marcuse afirma que a revolução é “realização do sonho”²³, da utopia. Portanto, trata-se antes de mais nada de recuperar a capacidade de sentir, sonhar e imaginar, mobilizando-as juntamente com a razão, para orientar a ação, sem negar, mas sem ter medo dos riscos de regressão ou de dessublimação repressiva. Eis a coragem e a grande conquista dos estudantes.

*

Olgária Matos considera que os estudantes viveram de fato um momento revolucionário, fizeram uma revolução nestes termos enunciados e refletidos por Marcuse. Em divisas pichadas nos muros de Paris como “não mude de emprego, mude o emprego de sua vida”, Olgária vê como os estudantes se contrapunham ao esvaziamento da vida em hiperatividade destrutiva e submissão ao fetichismo econômico e à sociedade de consumo como destino incontornável:

Em 1968, jovens franceses – que haviam descoberto sua força social, intelectual e política – recusavam o realismo político, preferindo um princípio estético em vez do pragmatismo e da adaptação às condições impostas pelo mercado mundial. Recusavam o destino. Recusavam o realismo político e seu gosto pelo *status quo*. Contra o princípio de desempenho, preferiam o literário. Diziam: ‘chega de atos, queremos palavras’. Por seu irrealismo, jovens estudantes promoveram a crítica radical do presente, quando se perdia o tempo e a vida. A imaginação

²² MARCUSE, Herbert. *Contra-revolução e revolta*. Op. cit., p. 25.

²³ Idem, ibidem, p. 20.

foi nesses anos – 1871,1968 – a verdadeira força produtiva, desalienou o tempo e refundou a história.²⁴

Para Olgária, o novo da revolução de maio de 1968 foi ela ter rompido com a tendência ao totalitarismo e à violência presente até então em todas as revoluções anteriores, daí a palavra de ordem: “a morte é contra-revolução”²⁵. Ela recusou a lógica do amigo e do inimigo, dos heróis míticos, não falou por procuração em nome dos operários, seguia mais a moral individual e autonomia:

Revelou que uma revolução não se reconhece nas figuras do vencedor e do vencido, nem da tomada de poder, mas por sua potência de sonho. Em maio de 1968 uma utopia concreta viveu, transformando uma sociedade em comunidade política. Depois das experiências totalitárias, o maio francês uniu poesia e revolução e nesse mês a ação foi irmã do sonho.²⁶

O maio de 1968 criou essa comunidade política rompendo igualmente com:

a linguagem do desprezo que inviabiliza os laços associativos e agregadores de interesses e paixões, qualquer laço de solidariedade e de amizade. O maio francês ao reinventar a *Ágora* grega e a *philia*, faz com que todos e cada um se extrovertam no espaço público, a visibilidade não sendo a do controle mas a do diálogo sem segundas intenções.²⁷

Se para Marcuse o movimento estudantil de 1968 trouxe à tona a imagem de um socialismo integral, para Olgária ele viveu por um momento o sonho deste socialismo, pelo menos no ponto de vista mais importante como comunidade política pautada na solidariedade, na *philia* e no diálogo aberto, exercitando as bases para uma verdadeira democracia, da qual carecíamos e carecemos urgentemente hoje, 2018. Tanto a partir de Marcuse como de Olgária Matos (sem negar as importantes ressalvas de Adorno), temos assim uma instigante ideia de que maio de 1968 e o movimento estudantil de então inaugurou um novo tipo de revolução ou movimento que focaliza diretamente aquilo que em todas as revoluções traídas anteriores era sonho, isso porque assumiu de uma vez por todas que é, em nosso contexto, o sonho que importa. O sonho de maio de 1968 acabou e “foi pesado o sono para quem não sonhou” ou não pode sonhar, mas para quem sonhou e viveu este sonho ele acabou transformando o modo de agir e pensar a ação transformadora. Para estes, a

²⁴ MATOS, Olgária. *Advinhas*. *Op. cit.*, p. 57.

²⁵ Idem, *ibidem*, p. 79. Olgária lembra, nesse sentido, que para Alexandre Kojév o maio de 1968 não foi uma revolução pois não houve derramamento de sangue.

²⁶ Idem, *ibidem*, p. 76.

²⁷ Idem, p. 92.

possibilidade e necessidade de sonhar um mundo construído na *philia* ainda espreita pelas brechas²⁸: seja, como Adorno ensinou, apreendendo a teoria como uma práxis de resistência, seja, como trouxe à tona com todo o vigor a práxis em maio de 1968, irmanando sonho e ação.

Bibliografia

ADORNO, Theodor W. “Kritische Theorie und Protestbewegung. Ein Interview mit der Süddeutschen Zeitung” (1969). In: _____. *Gesammelte Schriften*, 20.1. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1997, pp. 398-401.

_____. “Keine Angst vor dem Elfenbeinturm. Ein ‘Spiegel’-Gespräch” (1969). In: _____. *Gesammelte Schriften*, 20.1. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1997, pp. 402-409.

MARCUSE, Herbert. *A grande recusa hoje*. (Tradução Isabel Loureiro e Robespierre de Oliveira). Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *Contra-revolução e revolta*. (Tradução Álvaro Cabral). Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

_____. *O fim da utopia*. (Tradução Carlos Nelson Coutinho). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

²⁸ Edgar Morin, no Prefácio à edição brasileira de *Maio de 68: a brecha*, também destaca esse lado do movimento: “Maio de 68 encarnou profundas aspirações ... de mais liberdade, autonomia, fraternidade, comunidade. Totalmente libertário, mas sempre com a ideia fraternal onipresente. Os jovens combinaram essa dupla aspiração antropológica que brotou em diferentes momentos da história humana. Creio que a importância histórica de Maio de 68 é grande por tê-la revelado. Maio de 1968 é da ordem de uma renovação dessa aspiração humana que reaparece de tempos em tempos e que ainda reaparecerá sob outras formas” (MORIN, Edgar; LEFORT, Claude; CASTORIADIS, Cornelius. *Maio de 68: a brecha*. (Organização e tradução: Anderson Lima da Silva e Martha Coletto Costa). São Paulo: Autonomia literária, 2018, p. 17).

MATOS, Olgária. *Advinhas do tempo: êxtase e revolução*. São Paulo: Hucitec, 2008.

MORIN, Edgar; LEFORT, Claude; CASTORIADIS, Cornelius. *Maio de 68: a brecha*. (Organização e tradução: Anderson Lima da Silva e Martha Coletto Costa). São Paulo: Autonomia literária, 2018.

WIGGERSHAUS, Rolf. *Die Frankfurter Schule*. 2. ed. Munique: DTV, 1989.

Recebido em 30.07.2018.

Aceito para publicação em 15.08.2018.

© 2018 Francisco De Ambrosis Pinheiro Machado. Esse documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR).